

EMEF Julio Mesquita

Pedro Xavier Russo Bonetto

“Le” Parkour no Júlio: um relato de “transformação” curricular

O projeto em questão foi realizado, no município de São Paulo, na EMEF Julio Mesquita com três salas do 2º ano (C, D, E) do ensino fundamental II no primeiro semestre do ano de 2011. A fim de contextualizar, cito que no ano anterior trabalhei, nesta mesma escola, como professor de módulo e observei que os professores regentes do componente educação física pautavam suas intervenções no que os próprios alunos chamavam de aulas livres.

As ações pedagógicas e orientações didáticas do currículo que se pretendeu construir se basearam primeiramente no Projeto Pedagógico da unidade escolar, que destacava a “Educação de Valores”¹ e nas Orientações Curriculares² do município de São Paulo. Entendemos assim, a motricidade humana como um artefato cultural e a Educação Física dentro da área da linguagem. Outras influências neste currículo foram as teorias Pós-Críticas³ de currículo e as análises dos Estudos Culturais⁴.

Mapeamento

Esse tipo de avaliação diagnóstica iniciou nas salas de aula, com uma breve apresentação do professor seguida de uma conversa que se estendeu por aproximadamente quatro aulas. Nesta procurei saber sobre o que já tinha sido feito em educação física e quais as manifestações da cultura corporal eles tinham acesso dentro e fora do ambiente escolar. Observei que o repertório de manifestações tematizadas nas

¹ O Projeto Pedagógico da escola enfatizava a função social da escola na Educação em Valores. Dentre eles: Autonomia, Capacidade de convivência, Diálogo, Dignidade Humana, Igualdade de Direitos, Justiça, Participação social, Respeito Mútuo, Solidariedade e Tolerância.

² Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2007.

³ As Teorias Pós-Críticas de Currículo se baseiam principalmente em conceitos do pós-estruturalismo e pós-modernismo. Defendem que o currículo deve ser construído analisando as relações de poder que originam representações e identidades. Rejeita-se qualquer tipo de verdade absoluta, permitindo inúmeras interpretações e hipóteses.

⁴ Os Estudos Culturais podem ser definidos como um agrupamento de análises e ações políticas que denunciam concepções elitistas, hierárquicas e segregacionistas da cultura (Neira e Nunes, 2009). Realçam o aspecto político do significado de cultura e se engajam nas propostas de democratização das relações de poder e transformação social.

aulas de educação física não fugia muito do “quarteto fantástico” (voleibol, futebol, handebol e basquetebol) com a adição da queimada e de algumas brincadeiras com corda. Fora da escola, alguns meninos praticavam futebol *society* em escolinhas, futsal aos sábados na própria escola, futebol de campo, judô e basquete no Clube Escola do bairro, na rua empinavam pipa e dançavam *freestep*, um único aluno da “turma D” relatou fazer aulas gratuitas de “Le” Parkour na Avenida Paulista nos finais de semana, algumas meninas faziam balé, natação e teatro. Muitos gostam de jogar videogame, usar computadores, navegar na internet e usar as redes sociais.

De forma geral, em todas as turmas, falei principalmente sobre o que poderia ser feito e demonstrei abertamente que um dos objetivos desta conversa inicial era motivá-los a romper com a rotina pedagógica que ele(a)s estavam habituado(a)s. Informe-i-o(a)s sobre as várias possibilidades de temas do componente curricular, para isso, utilizei exemplos de colegas professore(a)s, que desenvolveram juntamente com seus aluno(a)s, projetos com: futebol americano, artes marciais, danças urbanas e com bicicletas, *skates* e patins. Percebi certa empolgação e lembro-me também de citar inúmeras vezes o termo “manifestações da cultura corporal” e a palavra “projeto(s)”.

Discursos como: “Eu quero escolher o time da aula de física”, “Educação física não tem lição de casa”, “Educação física é movimento, é jogar bola!”, “Como assim trabalho de educação física?”, me ajudaram a deduzir as representações que os alunos tinham sobre a educação física, possivelmente forjadas, principalmente, pelos currículos que já vivenciaram anteriormente.

Em outra aula, na turma “D” propus uma escolha participativa da manifestação corporal que estudaríamos na educação física. Dialogamos mais uma vez sobre a importância de romper com o que estava sendo feito anteriormente, indo assim, de encontro com um dos objetivos mais relevantes do currículo cultural do componente, que recomenda que os alunos devam ser capazes de vivenciar e interpretar o maior leque possível de manifestações corporais presentes no universo cultural. Deste modo, os alunos foram pensando e propondo algumas manifestações que poderiam ser tematizadas com esse intuito. Algumas lutas, skate e futebol americano foram consideradas, mas um dos alunos (o mesmo que já praticava na Avenida Paulista nos finais de semana) propôs o “Le” Parkour. Logo, foi seguido por alguns outros entusiastas que tinham acesso a tal manifestação assistindo vídeos na internet e em

programas de televisão. Pensando nos princípios de ancoragem social⁵ e justiça curricular⁶ percebi que esta seria uma excelente oportunidade de romper com o currículo colonizado e acrítico anterior. Decidimos então, que nosso primeiro projeto iria tematizar o “Le” Parkour. O desafio estava lançado! Tanto para os alunos, quanto para o professor, que neste ponto já pensava nas dificuldades da “escrita-curriculo⁷” que se anunciava.

A fim de descrever sucintamente, com as palavras dos próprios alunos, cito a introdução do *blog* confeccionado pela turma “D⁸”:

Aqui você ira aprender mais sobre Le parkour, você ira ver nossa classe fazendo Le parkour, ele surgiu quando o professor perguntou o que queriamos fazer, um aluno chamado Gabriel falou, ai decidimos experimentar, como as outras salas nos viram fazer acabaram nos copiando, mas o Le parkour surgiu mesmo aqui no Julio Mesquita 6D.

Nas turmas “C” e “E” quando começamos o processo de seleção de um tema, uns foram sugerindo futsal, outro(a)s basquete e alguns poucos, lutas. Quando informei que a turma “D” iria estudar o “Le” Parkour, e que o futsal e o basquete não poderiam ser eleitos, pois mesmo de forma superficial, já faziam parte do currículo anterior, essas outras turmas também se interessaram. Ressalvei que não era questão de copiar o que estava sendo feito em outras salas, uma vez que, mesmo sendo a mesma manifestação os projetos seguramente trilhariam por caminhos diferentes.

Registro que nesta fase houve pouca resistência por parte dos alunos, mas o clima de empolgação era seguido de desconfiança. Inúmeras vezes perguntaram se seria mesmo possível, como faríamos e se não iríamos nos machucar.

Cito também a introdução dos *blogs* das turmas “C⁹” e “E¹⁰” respectivamente:

Começou o Le Parkour na série 6c da escola Julio Mesquita, quando o Professor de Ed.Física Pedro, iniciou um debate entre a sala sobre o que praticar no ano de 2011, Até que o professor comentou sobre o Le Parkour, muitos acharam uma idéia interessante, então iniciou uma votação sobre o que praticar, como a

⁵ Moreira e Candau (2003), afirmam que é uma estratégia pedagógica que questiona como um dado conhecimento relaciona-se com os eventos e as experiências dos(as) estudantes e do mundo concreto.

⁶ A partir de Connell (1993) *apud* Moreira e Candau (2003), é o grau em que uma estratégia pedagógica produz menos desigualdade no conjunto de relações sociais ao qual o sistema educacional está ligado.

⁷ No sentido do planejamento de ensino como uma escrita curricular, uma *escrita-curriculo*, ou seja, como um currículo a ser construído, difuso e híbrido, que ora faz convergir para um quadro hegemônico de estabilização dos saberes e poderes, ora faz estranhar o jogo de forças, desequilibrando-as, provocando novos arranjos, contra-hegemônicos (Chiquito, 2009).

⁸ Disponível no site < www.leparkour6d.blogspot.com>, acesso no dia 13/03/2012.

⁹ Disponível no site < www.leparkour6c.blogspot.com>, acesso no dia 13/03/2012.

¹⁰ Disponível no site < www.leparkour6e.blogspot.com>, acesso no dia 13/03/2012.

maioria votou em Le Parkour, essa foi a arte escolhida para ser praticada no ano de 2011.

Bom gente, o le parkour surgiu no Julio Mesquita por causa de uma votação sugerida pelo professor Pedro ele disse para a gente: "chega de ficar só de aula livre vamos fazer uma coisa diferente como por exemplo o le parkour".Aí ele começou à nos dar aulas sobre o le parkour e nós gostamos. Começamos a praticá-lo e a estuda-lo e tá aí o nosso blog!!

Ainda nestas aulas, não deixei de falar algumas das orientações didáticas e metodológicas que pautariam nossas aulas durante o ano letivo. Por exemplo: o formato dos estudos em projetos, a avaliação pautada não somente na participação e na execução de técnicas¹¹ tidas como corretas, os trabalhos e lições de casa que seriam solicitadas, as pesquisas que poderiam ser feitas pela internet, em livros e revistas e por meio de entrevistas com praticantes experientes.

Depois que decidimos a manifestação cultural que estudaríamos, solicitei aos aluno(a)s uma breve pesquisa como lição de casa. Esta fazia parte de um outro mapeamento, este, mais específico à nossa manifestação. Perguntei:

- 1) Quando você pensa em Le Parkour o que vem na sua cabeça?
- 2) O que você conhece sobre o Le Parkour?
- 3) Você conhece alguém que pratica Le Parkour? Caso conheça, onde essa pessoa pratica?
- 4) Pesquise algum movimento característico do Le Parkour e descreva-o.

Ressaltei que a pesquisa poderia ser realizada usando a internet, livros, revistas e entrevistando praticantes. A partir desse segundo mapeamento pude identificar quais eram as representações iniciais que os alunos possuíam sobre o “Le” Parkour e assim, definir quais seriam nossos objetivos com o projeto. Definimos os seguintes objetivos iniciais:

- 1) Vivenciar e experimentar os gestos característicos do Parkour;
- 2) Analisar o Parkour em contextos sociais, históricos e políticos;
- 3) Adotar atitudes de solidariedade e cooperação durante as vivências corporais;
- 4) Compreender, criar e adaptar tanto a forma quanto os conteúdos da manifestação corporal escolhida;

¹¹ A palavra “técnica” tradicionalmente é usada como sinônima de movimento correto, daí advindo expressões como “gesto não técnico” ou “movimento sem técnica”. De acordo com a perspectiva curricular utilizada tanto as técnicas empíricas quanto as científicas são saberes válidos.

Desenvolvimento

Nas aulas subsequentes aos mapeamentos, fomos para a quadra e o(a)s aluno(a)s foram nos mostrando os movimentos frutos da pesquisa. Muitos utilizaram tutoriais¹² pendurados na internet, um deles entrevistou um primo que era praticante e outra aluna nos trouxe um gibi da Turma da Mônica Jovem¹³, que na sua história ilustrava o personagem Cascão praticando “Le” Parkour. Logo, começamos a experimentar em nossas aulas os movimentos trazidos. Na aula seguinte, fomos à sala de vídeo assistir os vídeos e tutoriais pesquisados. Assistimos todos em uma aula e nas seguintes fomos vivenciar os movimentos na quadra.

Depois de algumas aulas não demorou muito para que a prática começasse a fazer sentido. Já compreendiam, demonstravam valor estético, e se sentiam desafiados pelos gestos típicos do “Le” Parkour. Concomitantemente começamos a fazer algumas mudanças nos gestos aprendidos visando melhor adaptar estes às nossas capacidades e necessidades. Resignificamos a prática a tal ponto de criar locais de prática (ex: plintos como paredes), inventar movimentos, batizá-los e misturá-los. Utilizando corrimãos, plintos e colchonetes de ginástica, vivenciamos, experimentamos, aprendemos, ensinamos e adaptamos movimentos como: “*Cat Leap*”, “*Lazy*”, “*One-hand*”, “*Two-hand*”, “*Monkey*”, “*Balance*”, “*Precision Jump*” e o “*Tic-tac*”. Ainda inventamos o “*Tic-Lazy*” e o “*No-hand*”!

Em determinada aula com a turma “C” duas alunas se recusaram a experimentar um dos movimentos alegando que o “Le” Parkour é “um esporte para homens, pois era muito perigoso”. Continuei essa aula observando o comportamento dos demais alunos. Eu queria saber se a opinião das duas alunas era compartilhada pelos outros. Nesse momento, pensei em expandir os objetivos do projeto:

5) Identificar e adotar uma postura crítica frente às práticas discursivas que circulam na sociedade e que regulam comportamentos durante as aulas de educação física (questões de gênero e habilidade);

6) Reconhecer a manifestação como característica de um determinado grupo social no Brasil e no Mundo;

¹² Sites, textos ou vídeos postados na internet que objetivam ensinar passo a passo algum procedimento técnico. Costuma ser confeccionado de forma amadora por alguma pessoa (ou grupo) com grande experiência no assunto.

¹³ Turma da Mônica Jovem: Conta comigo! nº10, Editora Panini Comics, 2010.

7) Interpretar e posicionar-se criticamente com relação às informações contidas em diversos suportes textuais alusivos ao Parkour (filmes, gibis, programas de televisão etc.);

Busquei identificar algum traço de preconceito em relação a gênero e habilidade, mas não notei nada muito aparente. Apenas que alguns meninos realizavam mais tentativas que as meninas. Notei que eles não saíam das filas, várias vezes “furavam” para irem mais vezes e as meninas experimentavam quando conseguiam espaço na disputa da fila. Decidi assim, perguntá-los antes da aula terminar:

- 1) Vocês concordam que “Le” Parkour é uma prática para homens?
- 2) Vocês notam alguma diferença na prática dos meninos e das meninas?

Na aula seguinte escrevemos na lousa as respostas das duas perguntas e de modo geral, eles não corroboravam com a idéia das duas meninas. Mas citaram que existem sim diferenças! Alguns meninos citaram que as meninas não conseguem os movimentos mais difíceis porque elas são mais fracas e frágeis. Outros falaram que as meninas não conseguiam porque tinham medo de tentar, medo de cair e vergonha de fazer quando os meninos estavam olhando. Algumas meninas se defenderam destas acusações alegando, justamente o que eu tinha observado: “os meninos ficam furando fila e não deixam agente tentar sem que eles fiquem nos apressando e fazendo piada”. Notei então que havia um conflito de gêneros quase que velado, imperceptível a olhos desatentos, mas que formavam e sustentavam identidades subjulgadas – no caso a feminina e que se não fosse a coragem das duas meninas em resistir a prática como estava sendo feita, não teríamos a oportunidade de problematizar tal assunto.

Continuando com esse assunto, fizemos algumas relações a fim de responder algumas dúvidas. Solicitei que os alunos lembrassem se nos vídeos, tutoriais e nas pessoas que conhecemos existiam mulheres praticando o “Le” Parkour. Não tínhamos nenhum registro disto, o que reforçava a opinião das meninas. Notamos que até mesmo no Gibi da Turma da Mônica o único personagem que praticava era o Cascão enquanto a Mônica e outros personagens apenas observavam.

Solicitei então uma nova busca, esta deveria ser feita contemplando a prática feita por mulheres.

Na aula seguinte alguns aluno(a)s trouxeram o material solicitado, porém disseram que não existem tantos vídeos de mulheres quanto de homens, descobriram

também que (em francês) os praticantes são chamados de traceurs¹⁴ e as praticantes de traceuses¹⁵. Apesar de poucos vídeos encontrados, ele(a)s notaram que os movimentos que as mulheres faziam nesses vídeos eram tão difíceis quanto os movimentos feitos por homens. Depois de algumas metáforas, que utilizei como exemplos a jogadora de futebol Marta e uma garota da oitava série que praticava vários esportes muito bem, concluímos que o “Le” Parkour pode ser praticado por meninos e meninas, e que as meninas podem ser tão habilidosas quanto os meninos, no início eles se favorecem, porque de modo geral, “tentam” mais vezes e estão mais “acostumados” a correr, pular, girar e escalar do que a maioria das meninas. Procurei assim, de diversas formas, desestabilizar as relações diretas de gênero e habilidade incluindo a noção de experiência e treino no êxito¹⁶ da prática.

Para encerrar essa problematização, levando em conta as declarações do projeto-político-pedagógico sobre a educação em Valores, solicitei para o grupo sugestões de organizações da prática para que as meninas também se sentissem a vontade durante as vivências. Decidimos que ninguém iria furar fila, iríamos ajudar e fazer a segurança das pessoas que estavam com medo, combinamos também que ninguém “tiraria sarro” de ninguém, que iríamos vivenciar mais de um movimento por vez (para deixar a aula mais dinâmica e menos repetitiva) e que teríamos uma postura mais colaborativa.

Pensando nos registros das práticas didáticas, notando a enorme utilização de aparelhos celulares pelos alunos e copiando outros colegas professores que propuseram em suas escolas a utilização da câmera fotográfica dos aparelhos celulares dos próprios alunos na elaboração dos registros, começamos a fotografar e filmar nossa prática. Inspirado nas propostas pós-críticas e no convite do “currículo-artista”, sugeri para as três classes a elaboração de *blogs* sobre o nosso projeto, neles poderíamos registrar e divulgar nossas fotos, vídeos e as outras tarefas de uma maneira mais significativa. Surgiu assim outro objetivo da prática: 8) Descrever os conhecimentos construídos a respeito do Parkour na forma de *blogs* construindo um registro de produção e divulgação cultural.

Depois de algumas aulas, na turma “C”, por sugestão dos próprios alunos, que estavam num clima de competição de qual *blog* estaria melhor e seria mais visitado, nomeamos nas salas algumas pessoas que seriam os administradores dos *blogs*. Ele(a)s

¹⁴ Praticante masculino de Parkour.

¹⁵ Praticante feminino de Parkour.

¹⁶ Êxito no sentido de solução favorável do(s) gesto(s) e não no como sinônimo de sucesso e triunfo.

elegeram seis pessoas em cada sala, que seriam responsáveis por atualizar e postar os registros no blog. Descobri que o objetivo inicial dessa proposta era assegurar que o blog não sofreria violações de outras salas, uma vez que a senha não seria exposta de uma só vez para todos. Negociamos e ficou estabelecido que iríamos revezar os administradores toda semana e os demais iriam continuar pesquisando, registrando as aulas, repassando esses registros e como deveria ser sugerindo novos caminhos para o projeto. Nesse ponto, retomamos por meio de uma breve (1 aula) discussão, a falta do que chamamos de “Valores” daqueles que estavam tanto ameaçando divulgar a senha para as outras salas, quanto àqueles que estavam querendo estragar o blog dos outros na disputa de acessos. Falamos sobre a importância do diálogo, do que era justo, da participação, respeito mútuo e solidariedade. Por fim, nas três turmas, a elaboração dos blogs continuou sendo revezada e de responsabilidade dos administradores, mas sem o clima de insegurança que pairava anteriormente.

Tudo parecia organizado, divertido e produtivo! A maioria dos discentes estava muito participativa e empolgada com o tema e a maneira que estávamos divulgando nossos registros, porém até aqui faltava abordar os contextos sócio-históricos que forjaram a manifestação cultural referida.

Findando mais essa aula de vivência, solicitei outra atividade “para casa”. Nesta, aqueles que tinham fácil acesso a internet, deveriam trazer textos sobre a história e a invenção da manifestação corporal por nós estudada. Na aula seguinte, com a turma “D” seis pessoas trouxeram seus textos, formamos, então, seis grupos que deveriam discutir as informações em comum, as diferenças e elencar os pontos mais importantes. Ao final dessa atividade propus a elaboração de um texto único, com a contribuição de todos os grupos, que seria postado no blog. Exemplifico um dos textos produzidos, e resumo:

“Le parkour significa “o percurso”, é a arte de transpor de obstáculos fluidamente, usando qualquer parte do corpo, sem qualquer esforço. A arte mistura técnicas de esportes radicais como skate e patins, ginástica olímpica, artes marciais como kung-fu, escalada, e até saltos ornamentais. Em certos lugares do mundo, o Le Parkour é conhecido como Free Running¹⁷. Aos poucos a modalidade está ganhando força no mundo, já existem filmes – como O 13º Distrito – e vários comerciais com demonstrações do Parkour com traceurs considerados profissionais.”

¹⁷ A diferença é que no *Free Running* o deslocamento do praticante não precisa ser o mais eficiente e rápido possível. Neste caso entram os saltos mortais, as manobras radicais e os floreios parecidos com os da Ginástica e da Capoeira.

Em todas as salas, encontramos nos textos algumas palavras desconhecidas (*free running, run, traceurs, traceuses*), somadas aos movimentos já vivenciados (*Leap*”, *“Lazy*”, *“One-hand*”, *“Two-hand*”, *“Monkey*”, *“Balance*” e *“Precision Jump*”) que na maioria eram em inglês percebi a necessidade de encontrarmos os significados. Pensei em solicitar uma pesquisa no dicionário, mas conversando com a professora de inglês soube que ela estava abordando nas suas aulas daquela semana as partes do corpo. Assim, reservou outras duas aulas para ajudá-los na pesquisa. Foi interessante pois esta foi a primeira intersecção interdisciplinar que fizemos desde que eu estava na escola.

Nas aulas subsequentes, mais precisamente na turma “E”, notei que alguns alunos estavam empolgados comentando outros vídeos da internet. Os alunos que não tinham fácil acesso à internet, por não terem assistido, ficaram deslocados na conversa. Solicitei então outra atividade para os alunos, principalmente para os que estavam comentando esses vídeos: Eles deveriam trazer os endereços eletrônicos dos tais filmes para que todos pudessem assistir nas próximas aulas.

Na aula seguinte, na sala de vídeo, com um computador conectado a internet, caixas de som e um projetor de imagens, fomos visitando os endereços eletrônicos trazidos. No geral, os vídeos mostravam manobras com um alto grau de dificuldade, eram: pulos de prédios, escaladas enormes, “saltos mortais”, e outras manobras incríveis. Os alunos assistiram e gostaram bastante! Nas vivências, com o uso de dois plintos e alguns colchões de ginástica simulamos pulos de prédios e treinamos os cativantes “saltos mortais” do *Free Running*.

Nesse ponto do projeto nossas vivências já estavam bastante complexas, solicitei que eles experimentassem algo que ainda não tínhamos feito: um “*Run*”¹⁸. Solicitei que ele(a)s se dividissem em grupos e elaborassem seus próprios “*Run*” dentro da escola. Cada grupo registrou seu percurso em uma cartolina, colamos nas paredes onde o “*Run*” começava e fomos experimentando um por um. Ficamos por volta de cinco aulas fazendo os “*runs*”.

Neste momento, pensei que seria interessante sairmos da escola e vivenciar o “Le” Parkour onde ele realmente acontecia – nas ruas. Fomos à praça que existe em frente da escola e tentamos fazer um “*run*” lá. O problema foi que a praça não oferecia muitos obstáculos o que nos fez voltar logo para a escola.

¹⁸ Percurso, de um ponto “A” para uma ponto “B”, cujo qual o traceur (ou traceuse) atravessa todos os obstáculos que encontrar pelo caminho.

Durante as horas-atividades comecei a pesquisar na internet alguém, um praticante experiente, que pudesse ampliar os conhecimentos que já possuíamos sobre o “Le” Parkour. Entre tantas tentativas, fiz contato por email com uma academia de Parkour localizada num bairro próximo da escola. Não sabia, mas esta era a primeira academia de “Le” Parkour do Brasil, que logo respondeu positivamente para uma visita. Então, duas semanas depois do primeiro contato fomos à academia. Cada turma (C, D, E) foi em um dia diferente. Lá, fomos muito bem recebidos, tivemos uma espécie de aula expositiva sobre o “Le” Parkour, principalmente os contextos históricos e práticos. Os professores da academia que tinham visitado os blogs das salas com antecedência comentaram alguns escritos, dentre eles:

1. A vestimenta mais adequada para a prática são calças e bermudas leves, uma vez que a calça jeans limita os movimentos de erguer a perna. Isso foi comentado porque uma das turmas tinha postado que a calça jeans servia para evitar arranhões,
2. Outro item interessante é a chegada e a dispersão da prática no Brasil pelos internautas, que assim como nós, aprenderam o “Le” Parkour, primeiramente, assistindo os vídeos na internet.
3. O modo como chamamos a manifestação corporal, diferente do que todos nós já estávamos acostumados, não é “Le” Parkour, porque o “Le” significa apenas o artigo “o”. Para que não se repita o artigo quando se fala: “O le Parkour...” o ideal é chama-lo apenas de “Parkour”.

Depois dessas conversas os alunos fizeram uma mini entrevista com os professores. Procuraram saber como eles conheceram e começaram a praticar o Parkour e em que locais da cidade eles costumam praticar o Parkour. Todos responderam que viram pela primeira vez pela internet e começaram a praticar “por brincadeira”, tentando imitar os movimentos. Quanto aos locais de prática citaram a Avenida Paulista e alguns parques. Posteriormente, fomos à prática e os professores iniciaram perguntaram quais movimentos nós tínhamos experimentado na escola, demonstramos e na sequência fizemos outros movimentos propostos pelos professores. O interessante foi notar que no Parkour também não existe uma rigorosidade em relação às técnicas corretas, de acordo com os professores “o interessante é sobrepor o obstáculo da forma mais dinâmica e fluída possível, obviamente, sem se machucar”. Depois de muito experimentar, fizemos um “run” atravessando a academia. Como um dos autores do currículo artístado registro que foi sensacional vê-los subir, literalmente pelas paredes,

enquanto os colegas gritavam em coro o nome do praticante. Notei que esta visita fechava com “chave de ouro” nosso projeto.

As formas de avaliação foram elaboradas pensando nos apontamentos da escrita autopoietica proposta por Escudeiro e Neira (2011), cuja qual, distancia-se do viés classificatório e excludente que caracteriza as propostas convencionais fundadas nos pressupostos psicobiológicos, assemelha-se, pois, a uma produção escrita com estrutura provisória e em processo constante de reorganização, o que nos permite aventar sua dimensão autopoietica. Desse modo foram considerados todas as formas de registro (lições de casa, tarefas em sala, fotos e vídeos da prática), assim como as pesquisas para o blog, e os modos de participação, colaboração no projeto (vivências, sugestões, críticas e proposições) e outras diferentes interações.

Considerações

O relato em questão foi nomeado com o subtítulo de “um relato de transformação curricular” porque o objetivo principal foi descrever uma mudança de perspectiva curricular. O currículo colonizado, acrítico, com influência esportivista, repleto de aulas livres (futsal para os meninos, vôlei e brincadeiras de corda para as meninas), descompromissado com o Projeto-Político-Pedagógico (PPP) da unidade escolar e com o documento de orientações curriculares deu lugar a outra proposta curricular. Esta inspirada, primeiramente, nos documentos oficiais municipais, no PPP da escola, nas teorizações curriculares pós-crítica e nas contribuições advindas dos Estudos Culturais refletiu em práticas pedagógicas muito diferentes das citadas no início do texto.

Com o mapeamento inicial, foi possível notar que não era praxe do currículo anterior democratizar as formas de organização curricular, antes tudo era decidido pelo professor de modo que algumas identidades e grupos permaneciam sem “voz”.

Desde o início, quando iniciamos o projeto na sala de aula, discutimos, sugerimos, votamos, elegemos, definimos coletivamente algumas orientações didático-metodológicas (registros, avaliação e formas de organização), bem como, desestabilizamos, desfizemos e refizemos as representações que os alunos possuíam do componente curricular. No emanar do projeto o(a)s aluno(a)s perceberam que a educação física é um componente curricular que também deve dialogar com as asseverações da instituição escolar. Passaram a fazer lições de casa, pesquisas, tirar

dúvidas, elaborar registros, assim como estão acostumados a fazer em outras disciplinas. Mais do que isso, o projeto em questão problematizou a manifestação da cultura corporal- “Parkour”, a partir das relações de gênero e habilidade, mostrando que tais questões não estão diretamente relacionadas como se pensava anteriormente. As demarcações do PPP alertando para a importância de algumas atitudes, nomeadas por “Valores”: diálogo, justiça, participação, respeito mútuo e solidariedade, foram constantemente alvo de nossas ações didáticas. Afinal o objetivo era “transformar¹⁹” as representações que o currículo desse componente tinha na escola, tanto por parte dos alunos como da equipe pedagógica, mostrando que a educação física não pode abnegar o seu papel na construção de identidades democráticas, questionadoras, e comprometidas com a justiça social.

Referencias Bibliográficas

ESCUDEIRO N.T.G. e NEIRA M.G. Avaliação da aprendizagem em educação física: uma escrita autopoietica. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 22, n. 49, p. 285-304, maio/ago. 2011.

CHIQUITO, R. S. **Escrita curricular: algumas considerações a partir das Abordagens Pós-Estruturalistas/Pós-Críticas do Currículo**. PUC-PR, 2009.

MOREIRA A. F. B. e CANDAU V. M. Educação escolar e cultura(s): Construindo Caminhos. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Jun/Jul/Ago 2003 N° 23.

NEIRA M.G. e NUNES, M.L.F. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Editora Phorte, 2009.

¹⁹ Ressalvo que o escolha da palavra “transformar” não é pensada no sentido de significar uma superação ou mudança de algo errado num certo, muito menos de que uma vez construído este currículo estará fixado. O pretendido foi significar um processo de decomposição e alteração de uma dada perspectiva curricular para outra, a Cultural, que necessita ser (re)escrita cotidianamente.